Gemidos da criação e grito do pobre: interpelação à teologia

The groaning of creation and the cry of the poor:
from myth to metaphor

Sinivaldo Tavares*

Recebido: 06/06/2018. Aprovado: 04/07/2018.

Resumo: *Dados recentes alertam-nos para uma situação paradoxal de verdadeiro “apartheid” socioambiental. Daí a necessidade de se analisar a complexidade das mútuas relações entre gemidos da criação e grito do pobre. Intenção nossa, aqui, é fazê-lo a partir da eleição de uma grelha de leitura: do mito à metáfora. Trata-se, na verdade, de articular a advertência de M. Augé de que «devemos escapar do pesadelo mítico» e a afirmação de Paul Ricoeur de que a metáfora encarna uma quebra de paradigma. Num primeiro momento, submeteremos os relatos bíblicos da criação a esta grelha de leitura. Consideradas sob essa ótica, as narrações bíblicas constituem fruto de um processo de “desmitologização” e, portanto, também de “desmistificação” dos mitos das origens das civilizações do Antigo Oriente. Num segundo momento, essa mesma grelha de leitura será aplicada ao “nosso tempo”. Também hoje individuíamos verdadeiras mistificações da realidade em detrimento dos interesses e da vida de nossas maiorias pobres. Buscaremos também aqui instaurar o árduo processo de “desmistificação” destes mitos contemporâneos. Finalmente, num terceiro momento, esboçaremos, a partir de nossa genuína tradição de fé, uma teologia da criação que corresponda responsabilmente à gravidade da presente situação de “apartheid” socioambiental.*

Palavras-chave: *Apartheid socioambiental. Gemidos da criação. Grito dos pobres. Mito. Metáfora. Teologia da criação.*

Abstract: *Recent data have alerted us to a paradoxical situation of real socio-environmental “apartheid”, making it necessary to analyse the complexity of the relationships between the groaning of creation and the cry of the poor. Our intention, here, is to do so using the following reading grid: from myth to metaphor. We will discuss M. Augé’s warning “we must escape the mythical*

---

* Doutor em Teologia (Pontificia Università Antonianum, Roma, 1998). Durante treze anos foi professor de Teologia Fundamental e de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis. É pesquisador e professor de Teologia Sistemática no Programa de pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte.

E-mail: freisinivaldo@gmail.com

nightmare”, with Paul Ricoeur’s statement that the metaphor embodies a paradigm break. We will first submit the biblical accounts of creation to this grid. Considered from this perspective, biblical narratives derive from a “demythologization” process, a “demystification” of the origin-myths of Ancient Middle Eastern civilizations. This reading grid will then be applied to “our times”. Today, we also share true mystifications of reality at the expense of the interests and life of the poor who make up the majority of the population. We will seek to set up the difficult “demystification” process of contemporary myths. Finally, in the third stage and from the genuine tradition of our faith, we will outline a responsible theology of creation that matches the gravity of the present situation of socio-environmental “apartheid”.

Keywords: *socio-environmental apartheid; the groaning of creation; the cry of the poor; myth; metaphor; theology of creation.*

Introdução: do mito à metáfora

Os dados fornecidos pelos relatórios sobre o Desenvolvimento Humano dos últimos anos, publicados pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), alertam-nos para uma situação paradoxal: as populações mais pobres, justamente aquelas que contribuem de maneira irrisória para o aquecimento global, serão as maiores vítimas das consequências da mudança climática global. Apenas 13% da população do planeta são responsáveis por mais da metade da emissão dos gases de efeito estufa. Os EUA e a União Europeia juntos são responsáveis por 10 Gt das 29 Gt liberadas anualmente em todo o planeta. Os relatórios mostram ainda que se cada pessoa pobre do planeta tivesse o mesmo estilo de vida de alto consumo de energia de um habitante médio dos EUA ou do Canadá, seriam necessários três planetas Terra para absorver a poluição. Com razão, dizia Gandhi: “A Terra possui recursos suficientes para prover às necessidades de todos, mas não à avarícia de alguns”. O aquecimento global, segundo estes mesmos relatórios, trará como consequência o total fracasso em implementar os “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio” (ODM), acordados na ONU em 2000, para a redução da pobreza mundial. Tem, de fato, razão o ex-arcebispo da Cidade do Cabo, Desmond Tutu, quando, referindo-se a esta situação, fala de um verdadeiro “Apartheid da Adaptação”. Percebemos hoje, mais do que nunca, o caráter reducionista e profundamente excludente do paradigma civilizacional contemporâneo. Daí a urgência de se articular os gemidos da criação com o grito dos pobres.

Para ingressarmos na complexidade das mútuas relações entre gemidos da criação e grito do pobre, elegemos uma chave hermenêutica: do mito à metáfora. Mais que uma chave propriamente dita, trata-se, na

verdade, de uma grelha que nos tornará possível – ao menos assim nos parece – uma compreensão mais adequada dessa intrincada relação. Esta grelha se constitui a partir da articulação entre a advertência de M. Augé de que “devemos escapar do pesadelo mítico” e a afirmação de Paul Ricoeur de que a metáfora encarna uma quebra de paradigma. A advertência de Marc Augé se refaz às posições de Walter Benjamin com respeito aos mitos originais com suas respectivas cosmogonias e cosmologias. Para Benjamin o pesadelo mítico sempre se relaciona com a indistinção entre bem e mal, entre sexos, entre distintas gerações. Por essa razão, ele propõe a narrativa como uma maneira de se afastar dessa indistinção e desse caos¹. Ricoeur, por seu turno, elege a metáfora como um recurso para se quebrar um paradigma². Rompe-se, mediante a metáfora, uma interpretação ideologizada de uma situação e da vida em geral em proveito de outra mais crítica e lúcida. Ambas as posições parecem se coadunar muito bem.

Em um primeiro momento, submeteremos os relatos bíblicos da criação a essa grelha de leitura. Consideradas sob essa ótica, as narrativas bíblicas constituem fruto de um processo de “desmitologização” e, portanto, também de “desmistificação” dos mitos das origens das civilizações do Antigo Oriente. É importante salientar que dito processo é desencadeado e mantido pela fé no Deus da Vida: um Deus que se revela na experiência da vida de um povo pobre, subjugado econômica, política e socialmente, como uma autêntica “presença libertadora”. Num segundo momento, essa mesma grelha de leitura será aplicada ao “nosso tempo”. Também hoje individuíamos verdadeiras mistificações da realidade em detrimento dos interesses e da vida de nossas maiorias pobres. Tentaremos, na trincheira aberta pelos relatos bíblicos, também aqui realizar aquela árdua obra de “desmistificação” destes mitos contemporâneos. Finalmente, num terceiro momento, esboçaremos uma teologia da criação que corresponda responsavelmente à gravidade da presente situação em

¹ “A globalização é uma nova forma de colonização”. Entrevista com Marc Augé. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=48321>. Acesso em: 13 out. 2011. “Com isso me refiro à fórmula de Walter Benjamin quando conta que, no fundo, a aparição do relato organizado, dos contos onde o pequeno triunfa diante do grande ou do ogro, tudo isso desfaz o impacto dos relatos míticos onde as bruxas devoram os homens e outros horrores mais. O pesadelo mítico são os mitos originais, as cosmogonias, as cosmologias e toda uma panóplia de mitos horríveis e caóticos. Benjamin pensava que a narrativa era uma forma de afastar-se desses horrores. O pesadelo mítico sempre se relaciona com a indistinção, a indistinção entre o bem e o mal, entre os sexos, entre as distintas gerações etc., etc.”.

² Cf. RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

que os gemidos da Terra se potencializam ao serem considerados em íntima relação com o grito sofrido dos pobres.

1 As narrativas da criação: desmitologização e desmistificação

A Bíblia testemunha uma variedade de narrativas da criação. Esta pluralidade por si só nos remete à importância da fé na criação no universo religioso judeu-cristão. Quanto mais intensa, de fato, uma experiência, tanto mais ela fomenta uma variedade incontida de expressões. Embora sejam visíveis as semelhanças com os mitos das origens dos povos vizinhos, saltam aos olhos peculiaridades dos relatos bíblicos da criação. Em contato com outras tradições, o povo eleito admira, seleciona e absorve elementos de seus mitos das origens. Tais elementos, contudo, são recompostos e ressignificados no horizonte de narrativas bem tecidas em torno às dimensões peculiares e, portanto, constitutivas da fé bíblica.

Os mitos das origens constituem *grosso modo* cosmogonias e representações do caos primitivo caracterizado pela indistinção. Os relatos bíblicos deixam transparecer, de algum modo, essa passagem do caos primordial para uma situação de harmonia propiciadora de vida. Todavia, tais relatos introduzem elementos que justificariam um processo de “desmitologização” colocado em prática de diversas formas pelo povo bíblico. As narrativas bíblicas, todas elas, falam de criação³. Interpretar a origem do mundo como criação, significa concebê-la como dom oferecido no bojo de uma relação singular entre Criador e criaturas. Na origem destas narrativas, se encontra a fé em um Deus pessoal que livremente deseja criar criaturas que possam participar de sua própria vida. Nesse sentido, compreende-se o diferencial de tais relatos: a narração da criação como uma experiência relacional.

Este processo de “desmitologização” vem acompanhado por seu correlato: a “desmistificação”. Os mitos das origens, em geral, elaborados e difundidos a partir dos ambientes de corte, serviam a uma verdadeira mistificação de relações de poder e de abuso sofridas pelas maiorias pobres e indefesas. Não raramente, tais mitos se revelavam como instrumento de encobrimento das injustiças e dos desmandos por parte dos poderosos e dominadores. Em tais casos, os mitos das origens eram expressão de um expediente generalizado: a instrumentalização

³ Cf. HEIMER, H. Criação, natureza e meio ambiente. *Caminhos*, n. 8 (2010/2), 53-68.

da religião como legitimadora do poder econômico, político, social e cultural vigentes.

O povo bíblico é particularmente sensível à vida experimentada como evento e, por essa razão, sua preocupação primeira é com a história e o caráter inusitado de seus acontecimentos e processos. Os processos cósmicos não lhe passavam despercebidos, apenas eram acolhidos e experimentados na sua íntima relação com a historicidade da vida. Neste sentido, percebe-se nas narrativas bíblicas da criação uma estreita relação entre as experiências de libertação/salvação e criação. No transfundo de tais narrativas, encontra-se uma profissão de fé profundamente coerente: o mesmo Deus que se revela no presente como “presença libertadora” e que acompanha a caminhada de seu povo na direção de um futuro bom e reconciliador, é aquele que se revela na origem como criador de tudo quanto existe.

A fé no Deus criador ressurgiu justamente nos momentos mais críticos da história do povo bíblico. Momentos em que sua fé nas promessas divinas e sua esperança no futuro encontravam-se ameaçadas pela dureza e crueldade do presente. E a fé no Deus criador lhe servia de estímulo a recuperar a confiança na presença e interpelação desse mesmo Deus no seu presente, abrindo perspectivas na direção do futuro. É nesse preciso contexto que ecoam as palavras de Isaías: “Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas. Eis que faço uma coisa nova! Já está despontando: porventura não o percebeis?” (Is 43,18-19a). Portanto, a fé bíblica no Deus Criador comporta uma tríplice dimensão de criação: 1) a criação no presente e, portanto, como evento que se revela no curso da história (Is 43,18-19a); 2) a criação no princípio: “No princípio criou Deus o céu e a terra” (Gn 1,1); 3) a criação como plenitude da obra divina: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). Não há, portanto, na tradição de fé do povo bíblico, nenhum ranço de separação, menos ainda de contraposição, entre os eventos da criação, da história da salvação e dos tempos derradeiros e definitivos. Eles distinguem a história da origem primordial do tempo e da plenitude de todo o tempo. Todavia não as separam nem as contrapõem. Na sua distinção, o tempo escandido na sua tríplice dimensão se encontra habitado pela presença do Deus bíblico que se revela como presença libertadora.

Essa específica experiência de fé testemunhada pelo povo bíblico provocou um duplo processo de “demitologização/desmistificação” que se verificou na passagem dos mitos às metáforas no interior dos relatos bíblicos da criação. Consideraremos aqui, ainda que brevemente, a título

de exemplo, três relatos bíblicos da criação: Gn 2,4b-25; Gn 1,1-2,4a e Pr 8,22-31.

1.1 A vida como evento: pertença e cuidado (Gn 2,4b-25)

Na narrativa de Gn 2,4b-25, afloram relações de pertença e de cuidado como constitutivas do ato criador de Deus. E tudo é dito metaforicamente. O relato inicia falando de uma dupla carência, responsável pelo caráter inóspito e desértico da terra: a falta de alguém que cuide/cultive a terra e a carência de chuvas que a tornem fértil. O ser humano “cultivador/cuidador” (*Adam*) é modelado pelo Criador a partir da própria “terra cultivável” (*adamah*). É, de fato, a experiência de íntima pertença que faz do ser humano o cuidador/cultivador da terra. Nesta narrativa, o Criador aparece como aquele artesão cuidadoso que plasma o ser humano do próprio barro da terra para que ele seja seu cultivador/cuidador. Porque feito do barro da terra, o ser humano é chamado a ser o cultivador da terra. Pertença e cuidado, portanto, constituem simultaneamente o ser humano criado por Deus.

1.2 A vida como diálogo: interpelação e resposta (Gn 1,1-2,4a)

No relato de Gn 1,1-2,4a, o Criador cria mediante a eficácia de sua palavra. O surgimento da vida é metaforicamente apresentado como fruto da interpelação divina. Deus mesmo chama à vida suas criaturas, comunicando-lhes uma singular incumbência. A própria existência das criaturas é concebida como uma vocação. As criaturas todas são criadas no bojo de um diálogo existencial e salvífico. Deus as chama, cada uma por nome, e no próprio nome reside a incumbência primordial de cada criatura. Esta eficácia da Palavra divina que cria a totalidade da realidade será responsável também pela criação da história enquanto trama amorosa da relação pessoal do Deus bíblico com seu povo escolhido. Toda a ação criadora de Deus é destinada ao shabat, culminância da criação. Na celebração da criação se encontra seu sentido. Assim como tudo quanto existe brotou gratuitamente do desejo generoso do Criador, o louvor e a ação de graças constituem a melhor correspondência das criaturas à generosidade e amor de seu Criador.

Portanto, é o Criador quem cria seja pela habilidade e genialidade de suas mãos seja pela força e eficácia de sua Palavra. Em ambos os casos, o cuidado do Criador é explicitado como fonte e origem de tudo

quanto existe. Em ambos os relatos, no transfundo de suas metáforas, transparece a presença simultânea de dois elementos constitutivos da fé bíblica: 1) a origem divina do mundo: 2) a autonomia de suas criaturas em relação ao Criador. Esta consciência se encontra na raiz da profissão de fé no Deus criador: a experiência da gratuidade da vida.

1.3 A vida como jogo: a experiência de gratuidade (Pr 8,22-31)

A concepção da criação como gratuidade transparece de maneira mais clara ainda nos relatos sapienciais da Criação, dentre os quais se destaca o texto de Pr 8,22-31:

O Senhor criou-me como início de sua ação, antes de suas obras mais remotas. Desde tempos imemoriais fui constituída, desde as origens, desde os primórdios da terra. Nasci quando não existiam os oceanos, quando não havia fontes de águas abundantes. Antes que fossem fixados os montes, antes das colinas fui dada à luz. Ele ainda não tinha feito a terra e os campos, nem os primeiros elementos do mundo. Quando colocava os céus, ali estava eu. Quanto traçava o horizonte sobre o Oceano, quando condensava as nuvens lá no alto e continha as fontes do Oceano, quando fixava ao mar seus limites – prescrições que as águas jamais ultrapassam – e lançava os fundamentos da terra, eu estava ao seu lado como criança⁴; entusiasmando-me, dia após dia, brincando todo o tempo em sua presença, divertindo-me em seu orbe.

No texto, a obra da criação é explicitamente associada à experiência do jogo. Trata-se de uma linguagem metafórica que salienta a dimensão lúdica da criação que se coaduna bem com a concepção da criação como experiência de gratuidade. A obra criadora de Deus é narrada em proximidade muito grande com a narrativa da criação de Gn 1,1-2,4a. Trata-se do gesto de delimitação e de distinção para que o caos se transforme em espaço harmonioso e propício à vida. O diferencial deste relato em relação aos demais é a figura da sabedoria, metaforicamente, descrita como uma criança que, durante todo o tempo, brinca na presença do Criador, divertindo-se e entusiasmando-se dia após dia com o conjunto de suas criaturas.

⁴ Seguimos, aqui, a F. Euvé que, baseando-se em estudos da exegese bíblica crítica, traduz o termo *âmôn* por criança: cf. EUVÉ, F. *Pensar a Criação como jogo*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 132-142.

A figura da sabedoria que como uma criança se diverte, brinca, e se entusiasma na presença do Deus criador oferece as condições para pensarmos a criação como uma experiência lúdica. E a metáfora da criação como um jogo talvez seja a mais adequada para reassumir toda a riqueza de detalhes da fé bíblica na criação como experiência de gratuidade porque, no fundo, fruto do desejo livre e gratuito de um Deus que é, ao mesmo tempo, criador e Pai.

2 Mitos do “nosso tempo”: a mistificação contemporânea

Embora pareça paradoxal, somos também hoje vítimas de uma nova onda de mistificação produzida por mitos recentes que, mediante expedientes caracterizados pela indistinção e confusão, intencionalmente encobrem os reais interesses que movem e sustentam a realidade. Gostaríamos, aqui, de destacar três mitos que parecem exercer uma função fortemente ideológica nos dias que correm: o mito do “crescimento/desenvolvimento sustentável”; o mito do “messianismo tecnológico” e o mito da “mídia democrática”.

2.1 “Crescimento/desenvolvimento sustentável”

Os termos “crescimento” e “desenvolvimento” assumiram em nossas civilizações contemporâneas um caráter mágico. O mito de um progresso ilimitado com vistas à inclusão de um número cada vez maior de habitantes do planeta na esfera do bem-estar tem se difundido sempre mais. O crescimento/desenvolvimento está assentado sobre falsos pressupostos. Se os recursos naturais são limitados como continuar falando ainda em crescimento ou progresso ilimitado? Maior engodo ainda é falar de “crescimento/desenvolvimento sustentável”. Trata-se de uma expressão contraditória em seus próprios termos. Pois crescimento ou desenvolvimento nos moldes do capitalismo neoliberal é, para todos os efeitos, insustentável. Dito isso, entre crescimento/desenvolvimento e sustentabilidade vigoram relações de exclusão recíproca. Por essa razão, os críticos ao mito do crescimento/desenvolvimento preferem falar em “sustentabilidade” para justamente se opor a esse engodo do neoliberalismo contempo-

râneo⁵. Portanto, uma correta visão da sustentabilidade desmascara o engodo de expressões que à custa de serem repetidas pela mídia correm o risco de se passarem por verdadeiras.

A preocupação com a sustentabilidade permite-nos perceber o impasse em meio ao qual nos encontramos. A ilusão de um crescimento desmedido e de um progresso ilimitado nos está levando a uma degradação sem precedentes, perceptível, sobretudo, na deterioração progressiva da qualidade de vida nossa, dos demais seres vivos e do próprio planeta. O mito da perfeita utilização dos recursos da Terra, encarnado pelo ser humano de maneira voluptuosa e obstinada, tem produzido a exaustão dos sistemas vitais e a desintegração do equilíbrio ambiental. A agravar ainda mais a situação de degrado e exaustão à qual tem sido submetida a vida no planeta, são as incidências do desastre ecológico em termos de exclusão e marginalização dos pobres da Terra. Percebemos hoje, mais do que nunca, o caráter reducionista e profundamente excludente do paradigma civilizacional contemporâneo.

Encontramo-nos, portanto, imersos em uma anomalia maior que ameaça nossa civilização nesse princípio de século. Esta anomalia assume as feições de um conflito sem precedentes entre a reprodução da humanidade e os destinos do planeta. Tornamo-nos, para todos os efeitos, reféns de um dilema: de um lado, nossas sociedades têm cada vez mais necessidade da Terra e de seus recursos; de outro, o planeta suporta cada vez menos nosso crescimento. A Terra e os seres que nela habitam estão à mercê de uma economia que se impõe como a fatalidade do “nosso tempo”. Dito isso, a conclusão parece clara: “os limites do capital são os limites da Terra”⁶. As prioridades do capitalismo neoliberal são opostas àquelas orientadas pela ética e pelos valores humanos.

2.2 “Messianismo tecnológico”

Outro embuste difundido à saciedade é o de que a solução para os desafios postos pela atual crise ecológica virá das novas tecnologias. Nesse caso, a técnica seria vista como uma resposta e não, como de fato ela tem se revelado, um problema. É preciso romper de vez este círculo vicioso e perverso que insiste em nutrir expectativas messiânicas para

⁵ Cf. BOFF, L. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

⁶ BOFF, L. A última trincheira: temos que mudar. Economia e ecologia. In: BEOZZO, J. O.; VOLANIN, C. J. (Orgs.). *Alternativas à crise: Por uma economia social e ecologicamente responsável*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 35-51, aqui 42.

com as novas tecnologias⁷. E dizer, em alto e bom som, que a solução para a técnica não é algo de técnico. O que move e sustenta a técnica é, no fundo, o interesse humano de controle. Somos, hoje, vítimas de uma crescente supremacia da Tecnociência, do Mercado e da Mídia na administração dos fluxos vitais⁸.

Somos vítimas de um sequestro de nossas bandeiras ecológicas pela assim chamada “economia verde” que reduziu nossos projetos em prol da sustentabilidade em mercadoria apeteável. Trata-se do *marketing verde ou ecológico*, que recicla até mesmo as resistências ao poder da mídia e das novas tecnologias, fazendo-nos crer, mediante o refinado processo de fetichização e mercantilização de nossos sonhos, que a solução para os desafios postos pela atual crise ecológica virá das novas tecnologias. No mundo contemporâneo, a vida se define como um produto, uma mercadoria; numa palavra, uma invenção humana. E isso graças à inaudita capacidade do capitalismo do século XXI de operar um autêntico sequestro simbólico das forças vitais. Ele não apenas captura tais forças como também consegue reciclar as resistências a esse sequestro mediante a produção de *slogans* publicitários e mercadorias a serem consumidas.

2.3 “Mídia democrática”

O mito de habitar um mundo que se tornou uma aldeia global onde todos podem ter acesso a tudo também nos é vendido de maneira escandalosa. O mito de que o bem-estar e a acessibilidade é um direito e, portanto, uma possibilidade aberta a todos. O mito de que barreiras e fronteiras se desmoronaram e, por isso, habitamos, hoje, um mundo livre e democrático também parece se alastrar entre nós. Também aqui, é necessário e urgente um processo de desmistificação de todos estes mitos. Como seguir difundindo mitos como, por exemplo, aldeia global, sociedade sem fronteiras, encurtamento das distâncias, bem-estar social geral sem nos darmos minimamente conta de que novas fronteiras se redesenham, novas e intransponíveis distâncias se forjam, se vivemos numa situação de *apartheid* ambiental, cultural, social e mental?

⁷ Cf. FELINTO, E. *A religião das máquinas*. Ensaio sobre o imaginário da Cibercultural. Porto Alegre: Sulina, 2005.

⁸ Para um aprofundamento maior da hegemonia do mercado, tecnociência e mídia em nossos dias remetemos ao nosso: Entre a cruz e a espada: a religião no mundo da tecnociência, do mercado e da mídia. *Horizonte* 12 (2014) 382-401.

A combinação entre mercado e mídia tem se revelado profundamente eficiente; os interesses escusos do mercado se fazem sutilmente presentes na mídia em seu caráter profundamente sedutor. Tem se tornado impossível uma experiência diferente da proposta pela mídia que, ao transmitir, constrói fatos e situações mediante sua interpretação interessada. Mesmo ostentando uma pretensa neutralidade asséptica, a mídia não transmite informações de forma objetiva. No ato mesmo da transmissão ela constrói realidades, fazendo com que a “opinião pública” seja idêntica à opinião que se publica. E ao fazê-lo, ainda que de maneira sutil, trai sua posição face ao que transmite. E isso se passa a despeito da tão propalada isenção da mídia na transmissão de notícias. De forma tal que o que não é construído e visualizado na mídia não existe. A impressão que se tem é que a vida só se dê na medida e na proporção em que é visualizada nas telas de nossos aparatos tecnológicos. A mídia se tornou, portanto, um mundo fora do qual não se pode mais viver. Não se pode mais prescindir desse mundo midiático⁹.

3 Novas metáforas: primícias de um novo paradigma

Vimos que a opressão econômica, social e política sentida pelo povo bíblico propiciou um específico caldo cultural e existencial no interior do qual se deu o amadurecimento da fé em um Deus experimentado como libertador e promotor da vida em todas as suas expressões. Esta específica fé suscitou, de consequência, uma peculiar sensibilidade face à experiência da vida como criação.

Pensamos com Paul Ricoeur que, com a metáfora, rompe-se uma interpretação ideologizada, por encobrir a realidade ao invés de desvelá-la, como condição da possibilidade para que se construa outra mais pertinente e relevante¹⁰. Por esta razão, acreditamos que conceber a criação como um jogo, salientando sua dimensão lúdica, implica em operar uma quebra de paradigma. Em outras palavras, introduzir o jogo para compreender o mundo significa contrapor a atitude lúdica do risco e da imprevisibilidade

⁹ Cf. CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002. SODRÉ, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002. Consultem-se ainda as obras de PUNTEL, J.: *Cultura midiática e Igreja: Uma nova ambiência*. São Paulo: SEPAC/Paulinas, 2005 e *Comunicação: Diálogo dos saberes na cultura midiática*. São Paulo: SEPAC/Paulinas, 2010.

¹⁰ Cf. RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

do resultado à atitude científica do cálculo e do controle. Significa, ainda, sopesar o discurso sistemático da ciência sobre o mundo com a surpresa e inventividade em relação às regras, típica de qualquer jogo.

Por consistir, de fato, em uma noção aberta, o jogo se torna suscetível a um contínuo processo de deslocamento de ênfases. Ademais, é próprio do jogo aquela peculiar fluidez e dinâmica que o distingue, impedindo assim o desgaste inerente a toda representação. Jogar, no fundo, é entabular relações. Para tanto, o jogo requer parceiros. A noção de jogo só adquire propriamente sentido em confronto com outros: sejam eles parceiros, ou adversários. Embora necessite de regras determinadas e precisas, não se dá jogo sem aquela singular inventividade, que só o é, na medida em que ultrapassa as regras. De fato, a pura e simples execução das regras não produz ainda o jogo. O jogo, portanto, é a tensão nem sempre fácil entre obediência às regras e inventividade. Neste sentido, a atividade lúdica permite compreender melhor a tensão dinâmica entre liberdade e regra. No jogo, não há como prever o resultado, pois, na verdade, a imprevisibilidade e o risco fazem parte do jogo. É esta a razão pela qual o mundo lúdico rompe o esquema de controle e de cálculo típicos da vida cotidiana hodierna.

Por tudo o que foi dito até aqui, conclui-se que o jogo pertence a outra ordem que não aquela da utilidade, própria de nossas sociedades contemporâneas. Joga-se, no fundo, para descansar e fugir da monotonia, quando não, do ritmo avassalador e frenético de nossas atividades pragmáticas cotidianas. O jogo pertence ao mundo da gratuidade e, por isso, suas principais características são a alegria, a generosidade e fruição do tempo e de nossas energias. Além do jogo, outras metáforas poderiam exprimir uma nova relação para com o planeta Terra e o conjunto de suas criaturas como, por exemplo: 1) A Terra vista de fora: “Um pálido ponto azul”¹¹; 2) A Terra vista de dentro: “Gaia”¹²; 3) A Terra sentida: “Somos terra que sente, que pensa, que espera”¹³.

¹¹ Cf. SAGAN, C. *Pálido ponto azul*: Uma visão do futuro da humanidade no espaço. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹² Cf. as obras de LOVELOCK, J.: *A vingança de Gaia*. São Paulo: Intrínseca, 2006; *Gaia: cura para um planeta doente*. São Paulo: Cultrix, 2006 e *Gaia: alerta final*. São Paulo: Intrínseca, 2010.

¹³ Esta expressão tem sido difundida entre nós por Leonardo BOFF em várias de suas obras, dentre as quais, destaca-se *Ecologia: grito da Terra – grito dos pobres. Dignidade e direitos da Mãe Terra* (edição revista e ampliada). Petrópolis: Vozes, 2015.

4 O desafio de articular gemidos da Terra com grito dos pobres

Vivemos em um mundo extremamente complexo. Percebe-se uma interconexão que atravessa a totalidade dos fenômenos. Em virtude de sua intrínseca complexidade, nossa realidade exige a eleição de uma perspectiva a partir da qual buscar compreendê-la, situando-se no interior de seu intrincado emaranhado de questões e de situações. Além do mais, uma específica parcialidade inerente ao fazer teológico provém da consciência da imprescindibilidade de nos mantermos fiéis à parcialidade testemunhada por Jesus em sua vida e pregação. A despeito daquela pretensão de totalidade que ronda a teologia cristã ocidental, somos desafiados a manter uma sadia solidariedade para com Jesus na sua parcialidade de pregador enviado a anunciar a Boa-nova aos pobres e excluídos. A assunção desta parcialidade evangélica permitir-nos-á ver determinadas coisas que só se vêem na ótica dos pobres. E o que é ainda mais importante: levar-nos-á a uma correção da própria maneira de pensar e de conceber as grandes questões que assolam a grande maioria de nossas populações condenando-as à trágica condição de vítimas indefesas e inocentes.

Mais do que nunca, os pobres têm sido hoje relegados à margem de nossas relações econômicas, políticas, sociais e culturais. E a maior exclusão talvez seja a de sequer prestar ouvidos aos clamores dos pobres por mais vida. Até seu clamor tem sido hoje silenciado mediante o recurso a tantos expedientes escusos e sofisticados. Chega-se a provar, em nossos dias, em não poucos ambientes, uma resistência ferrenha a apenas mencionar a existência dos pobres. Eles se encontram, de fato, completamente excluídos de nossas preocupações.

A partir da experiência de solidariedade com os pobres, a teologia assumirá outra perspectiva, muito a fim à primeira, que lhe é inerente enquanto teologia propriamente cristã: sua intrínseca dimensão escatológica. A dimensão escatológica restitui à teologia cristã seu peculiar dinamismo, uma vez que se constitui em reserva subversiva, porque criativa, com respeito ao tempo presente. Ela recria a relação, para todos os efeitos, vital para a teologia: a relação com a vida, com a cultura, com a sociedade e com o inteiro cosmos nas suas mais distintas formas e modalidades. Resgatando, portanto, suas mais genuínas raízes, a teologia se descobre em condições de despertar sonhos adormecidos, propiciando o florescer de utopias. E, assim, ela mais facilmente será capaz de desmascarar ideologias, falsas seguranças, idolatrias e estere-

ótipos vários. Somente em tal caso, a teologia poderá realizar uma de suas tarefas primordiais: abrir trilhas na direção do futuro, forcejando o emergir do que ainda não é.

Todavia, esta utopia que a teologia encarna não se confunde com uma espécie de esperança cega, ilusória, ingênua. Ela não tem nada a ver com doutrinas surpreendentemente alienantes e anestésiantes. A esperança cristã se encontra enredada na trama do mistério pascal de Cristo. Assim compreendida, ela resgata a “memória perigosa de Jesus” (J.-B. Metz), revelando seu caráter intrinsecamente subversivo com respeito a toda ordem instituída. Trata-se, portanto, de uma esperança contra toda a esperança, por ser, em última instância, uma esperança que brota dos porões mais obscuros do sofrimento e da morte assumidos como consequência do empenho pela justiça e pela paz. Neste sentido, a esperança cristã radicaliza a noção do memorial bíblico, na medida em que: desestabiliza o presente, questiona os cânones das evidências hegemônicas e do progresso linear, e defende as causas perdidas dos vencidos cuja esperança foi frustrada pelos detentores do poder estabelecido.

A gravidade e urgência das questões atinentes ao discurso acerca da criação nos dias que correm exigem que todo discurso teológico responsável e que, portanto, não se deixa tragar pela indiferença e pelo cinismo, se construa a partir da condição dos pobres e numa perspectiva esperançosa e utópica. Daí a necessidade de, ao articular gemidos da Terra com grito do pobre, potencializá-los ao máximo, ressignificando-os no bojo da utopia e escatologia cristãs. Um discurso acerca da tutela da vida no Planeta que não incorpore as questões da pobreza e da fome, da injustiça social e das contradições do capitalismo neoliberal peca por ingenuidade e conivência. De igual forma, um discurso acerca da Criação que não considere, de maneira esperançosa, a pergunta pela sua destinação última e pelo seu inerente sentido, acabará sucumbindo a um pessimismo trágico. Por esta razão, quanto mais o discurso acerca da Criação afundar suas raízes no terreno sofrido dos pobres e das vítimas, mais ele se fará sensível às dimensões da esperança e da utopia, e quanto mais se deixar perpassar pela esperança escatológica mais ele conseguirá se sensibilizar face às demandas vitais das populações pobres e marginalizadas do Planeta.

Significativa em tal contexto a afirmação de Bonhöffer: “Deus é impotente e fraco no mundo, e exatamente assim, Ele está conosco e nos ajuda”. Como também a do filósofo Gianni Vattimo: “Só um Deus fraco pode nos salvar agora”. Assim sendo, uma autêntica teologia da criação só poderá ser

tecida a partir da experiência de *kénosis* que constitui a experiência-fonte, originante e fomentadora, das inter-relações intratrinitárias e das distintas relações que o Deus Trindade instaura para conosco ao longo da história da salvação e por entre os meandros sutis de nossa trama cósmica. A criação se nos afigura, em última instância, como uma autêntica experiência de *kénosis* (esvaziamento, despojamento) que se revela mediante um tríplice movimento: *retração* do Pai que, ao nos chamar à existência, cria-nos “do nada”; *despojamento* do Filho que nos salva, resgatando-nos, mediante seu gesto de extrema solidariedade, “do nada do pecado”; e, por último, *escondimento* do Espírito Santo que continua realizando com lento vagar sua obra de santificação mediante a plenificação das pessoas, da história e do cosmos inteiro a partir “do nada do mundo”¹⁴.

Conceber assim a criação significa ademais resgatar o sentido da relação singular entre Criador e criaturas. O termo criação remete à experiência do dom e da gratuidade divinas. Dizer criação pressupõe a consciência da relação primordial entre Criador e criatura. Neste sentido, criação difere substancialmente de termos como, por exemplo, natureza ou cosmos. Ao nos reconhecermos criaturas, exprimimos a consciência de que a vida se nos afigura como oferecida gratuitamente. Poderíamos existir de outro modo ou sequer existir. E, no entanto, existimos. Portanto, o nosso existir revela um querer, uma intencionalidade, primários. Fomos queridos por alguém, por um Criador, e, portanto, passamos a existir. Não são, a rigor, necessidades intrínsecas que justificam nossa existência como tal. O que de fato testemunhamos é que somos queridos por alguém que deseja que existamos. E este alguém nos quer assim como somos. Também aquelas circunstâncias que caracterizam nossa existência são queridas como tais pelo Criador e correspondem, em última instância, a uma intencionalidade e querer gratuitos dele.

Não existem, portanto, explicações que deem conta do porquê de nossa existência. E aqui, precisamente, nosso Criador se revela como Absoluto, manifestando assim sua radical diferença face ao caráter intrinsecamente contingente de suas criaturas. O Criador não está vinculado a nada. Não existe nada fora de Deus que o possa condicionar. Ele é o *Ab-solutus* por excelência. E seu querer e agir são absolutamente gratuitos. O fio condutor, portanto, que atravessa a inteira realidade criada é constituído pela experiência da gratuidade em todas as suas expressões. Não existem, a rigor, leis ou relações necessárias que caracterizam a relação entre o Criador e suas criaturas.

¹⁴ Cf. TAVARES, S. S. *Trindade e Criação*. Petrópolis: Vozes, 2007. 192-210.

E, por esta razão, estão descartadas todas as tentativas de encontrar explicações lógicas e necessárias que deem razões à existência nossa e das demais criaturas.

Permeia a complexidade de tudo quando existe a gratuidade amorosa do Criador que se revela mediante um querer gracioso, caracterizado pelo cuidado e pelo enternecimento para com cada criatura e para com a inteira realidade criada. Este querer divino instaura de maneira consistente as legítimas buscas de sentido. A preocupação maior e mais fundamental do ser humano passa a ser então auscultar as interpelações do Criador inscritas em sua mais recôndita interioridade, no seio das relações interpessoais, nos meandros sutis da história e nas fibras mais íntimas da inteira realidade criada.

Porque expressão do querer mais íntimo de um Pai que deseja criaturas para poder instaurar com elas relações de comunhão, a criação se revela como o palco da trama amorosa e, por isso mesmo, dramática do amor sponsal entre Deus e suas criaturas. Somos, enquanto criaturas, radicalmente diferentes do criador. Somos diferentes não para selar nossa irremissível separação; mas, ao contrário, para nos decidirmos livre e conscientemente pela relação, fomentando assim o encontro e tecendo teias de comunhão¹⁵.

Conclusão: a transparência divina na trama da vida

Conceber a complexidade dos seres existentes no mundo como *criação* significa por si só compreendê-los no bojo de uma relação prévia e concomitante. Pois só se pode falar em *criação* sob o pressuposto de uma relação primordial entre Criador e criaturas. Enquanto criaturas poderíamos não existir. Não há nada que justifique a necessidade de nossa existência. No entanto, existimos. Porque assim o quer o Criador. Somos expressão do desejo livre, generoso e gratuito de Alguém que quer que existamos. O sentido que permeia a complexidade da criação, portanto, é a gratuidade. Vimos como as narrativas bíblicas insistem nessa dimensão de gratuidade presente em toda a criação. No seio da Trindade santíssima, referencial para a nova teologia da criação, impossível compreender as relações entre os divinos três senão a partir da gratuidade que os une na comunhão e no amor.

Os relatos bíblicos testemunham a intenção do criador de criar criaturas que possam tecer entre si relações de harmonia. Uma harmonia em

¹⁵ Cf. TAVARES, S. S. *Teologia da Criação: Outro olhar – novas relações*. Petrópolis: Vozes, 2010.

que cada criatura, por ser singular, constitui uma peculiar linguagem no concerto da inteira criação. Como, então, a partir dessa boa-nova da gratuidade desconstruir nossa atual cultura da funcionalidade e da mercantilização que tem fortemente caracterizado as relações no mundo em que vivemos? Pressuposta ser a gratuidade fio condutor da inteira trama da criação, pano de fundo do cenário histórico e senda matricial do itinerário existencial de cada pessoa, perguntamo-nos: como seguir alimentando mentalidades e atitudes que encarnam uma violência cabal a nós e às demais criaturas? Como desconstruir os processos de desumanização e desnaturalização, ambos produzidos pela “tecnificação” e “mercantilização” da vida? Tendo por base essa boa-nova da criação como seguir submetendo-nos a um saber que se esgota na instrumentalidade e que, portanto, manifesta uma peculiar indigência na sua incapacidade de nos remeter às questões do sentido e de nos conduzir pelos meandros sutis das sendas da transcendência?

Em meio a tudo isso, somos interpelados a testemunhar o fenômeno da transparência divina no tecido íntimo da trama da vida. A fé no Deus trino e uno propicia uma relação singular entre Transcendente e imanente. A profissão de fé no Deus Pai criador salienta o caráter absolutamente transcendente do Deus trino e uno. Ele é o criador absoluto, que cria sem pressupostos e sem condições, e, portanto, o Senhor de tudo quando existe, selando assim sua irreduzível transcendência face ao caráter contingencial de suas criaturas. A profissão de fé no Filho unigênito de Deus que se encarnou sublinha a singela solidariedade de Deus para com suas criaturas. É o evento da mais radical irrupção do Todo no fragmento, da emergência do transcendente a partir do âmago mesmo da imanência. A profissão de fé no Espírito Santo, como evento da interiorização do próprio Deus no coração mesmo da matéria, da história, da corporeidade de suas criaturas, acena para a revelação do Deus trino e uno como a interioridade mais íntima do cosmos, da história e da vida de cada uma e de todas as criaturas.

É imprescindível, portanto, dialetizar transcendência e imanência através da consideração do evento da interiorização do próprio Deus no coração mesmo da matéria, da história e dos corpos de suas criaturas. O evento da interioridade de Deus, mediante Seu Espírito, no coração mesmo de suas criaturas, impede toda e qualquer bipolaridade rígida e excludente entre transcendência e imanência. A profissão de fé no Deus trino e uno propicia-nos, portanto, uma peculiar relação entre transcendente e imanente: nem pura transcendência, nem mera imanência, mas a celebração da transparência divina na trama da criação.

Referências bibliográficas

- AUGÉ, M. A globalização é uma nova forma de colonização. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=48321>. Acesso em: 13 out. 2011.
- BOFF, L. A última trincheira: temos que mudar. Economia e ecologia. In: BEOZZO, J. O.; VOLANIN, C. J. (Orgs.). *Alternativas à crise: Por uma economia social e ecologicamente responsável*. São Paulo: Cortez Editora, 2009. p. 35-51.
- BOFF, L., *Sustentabilidade: O que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOFF, L. *Ecologia: grito da Terra – grito dos pobres*. Dignidade e direitos da Mãe Terra, (edição revista e ampliada). Petrópolis: Vozes, 2015.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- EUVÉ, F. *Pensar a criação como jogo*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- FELINTO, E. *A religião das máquinas: Ensaio sobre o imaginário da Cíbercultural*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- HEIMER, H. Criação, natureza e meio ambiente. *Caminhos* 8 (2010/2), 53-68.
- LEMONS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LOVELOCK, J. *A vingança de Gaia*. São Paulo: Intrínseca, 2006.
- LOVELOCK, J. *Gaia: cura para um planeta doente*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- LOVELOCK, J. *Gaia: alerta final*. São Paulo: Intrínseca, 2010.
- PUNTEL, J. *Cultura midiática e Igreja: Uma nova ambiência*. São Paulo: SEPAC/Paulinas, 2005.
- PUNTEL, J. *Comunicação: Diálogo dos saberes na cultura midiática*. São Paulo: SEPAC/Paulinas, 2010.
- RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.
- SAGAN, C. *Pálido ponto azul: Uma visão do futuro da humanidade no espaço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SODRÉ, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TAVARES, S. S. *Trindade e Criação*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TAVARES, S. S. *Teologia da Criação: Outro olhar – novas relações*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- TAVARES, S. S. Entre a cruz e a espada: a religião no mundo da tecnociência, do mercado e da mídia. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, p. 382-401, abr./jun. 2014.